

## “Os três reis”: a anatomia de um conto não publicado

Márcia Schmaltz

Numa parceria iniciada em 2005 com a publicação de *50 Fábulas da China fabulosa* (2007), Sérgio Capparelli e eu selecionamos e traduzimos vinte e seis contos maravilhosos para a coletânea do livro *Contos sobrenaturais chineses* (2010). O nosso projeto pretende trazer ao leitor infantojuvenil brasileiro o que há de mais representativo das narrativas chinesas, acompanhadas por ilustrações relacionadas à arte folclórica do Império do Meio.

Este artigo compartilha algumas etapas da preparação dos originais, como a acepção chinesa sobre o gênero **maravilhoso**, a pesquisa da autoria e a localização do original, a importância do conto no sistema literário chinês para justificar a presença do conto “Os três reis” em *Contos sobrenaturais chineses*. Ao final, são apresentados a tradução e o conto original em chinês.

### Origem e definição de “conto” e “maravilhoso” em chinês

A definição chinesa mais antiga do termo **conto**, *xiaoshuo*, é de “ditos insignificantes” (ZHUANG, 2008, p. 146), em um contexto em que defende que para se atingir o *dao*<sup>1</sup>, “não se deve utilizar de fragmentos de

---

<sup>1</sup> Axioma daoísta, refere-se ao Caminho, o Tudo ou o Nada – definições muito genéricas e imprecisas em relação ao conceito filosófico. Por não se relacionar diretamente ao tema deste artigo, não aprofundarei aqui.

discursos (grifo nosso) para obter o prestígio<sup>2</sup>"; enquanto a referência ao gênero literário **maravilhoso** corresponde à *zhiguai*, que significa "registros de eventos sobrenaturais" (ZHUANG, 2008, p. 2). Estes termos apareceram pela primeira vez no livro homônimo do filósofo Zhuangzi (369-286 a.C.) que utilizava o estilo fabular para explicar a metafísica daoísta, que influenciou as gerações de literatas posteriores.

Provavelmente devido à definição primeira dada pelo sábio, durante muito tempo, *xiaoshuo* foi considerado como um gênero "menor" pela elite erudita na literatura chinesa, que "não fazia parte nem das três Doutrinas e nem das nove Escolas Filosóficas<sup>3</sup>"; pois os contadores de histórias registravam tudo o que escutavam da boca do povo pelas ruas, que não era prestigiada pela elite culta. Entretanto, através dos séculos, mesmo marginalizadas, as obras com narrativas curtas com teor sobrenatural nunca pararam de ser escritas, devido a sua grande popularidade.

Não é de se estranhar a boa aceitação do conto **maravilhoso** por parte do público e a respectiva marginalização pelas vertentes filosóficas tradicionais chinesas. Afinal, filósofos e contadores de histórias tinham em comum a busca por uma explicação sobre a existência e sobre os acontecimentos (sobre)naturais que o cercavam, em um período de conhecimento científico incipiente. E, enquanto as escolas de diversas doutrinas filosóficas debatiam-se em fornecer uma elucidação racional em uma linguagem rebuscada, os contadores de histórias extravasavam a sua imaginação e realizavam o desejo do inconsciente coletivo escrevendo de maneira simples e ao sabor das crenças populares sobre a existência de algo a mais entre o céu e a terra.

Zhou (1973) observa que estes escritos maravilhosos em cunho testemunhal, como se fossem registros de acontecimentos ordinários, além de seu valor artístico, também os sublevavam a um caráter justo que não era possível de se alcançar no plano humano, mas "possível" em um plano sobrenatural – já que "ocorreram" num período de monarquias despóticas. Por outro lado, o mesmo autor afirma que "os chineses são místi-

<sup>2</sup> [饰小说以干县令]

<sup>3</sup> As três doutrinas são a Confuciana, a Budista e a Daoísta. Os Anais dos Han (206 a.C.-24) divide os príncipes feudais em dez escolas filosóficas: Confucionista, Daoísta, Legalista, Moísta, Lógica, Yin-Yang, Estrategista, Eclética, Agrônômica e Contista; e complementa: "Dentre as dez escolas que se dividem os príncipes e eruditos, só se pode considerar nove; pois, os Contadores de histórias são como ervas daninhas, que perambulam e conversam pelas ruas, registrando tudo aquilo que escutam da ralé pelas vielas (...) Não podem ser considerados como cavalheiros" .

cos por natureza" (id. ib.: 183), relacionam as crenças do *Yin-Yang* à teoria dos Cinco Elementos, que deram origem a todas as coisas, segundo a cosmologia chinesa (FAIRBANK; MERLE, 2006), a qual foi sintetizada pela escola daoísta e, mais tarde, sincretizada pelo budismo.

A cultura tradicional chinesa está alicerçada sobre as doutrinas confuciana, daoísta e budista, sendo a primeira positiva e hegemônica em relação às outras. Isso se deve pelo fato de o confucionismo preceituar rituais ou códigos de conduta rígidos a uma gama variada de situações de interações sociais humanas em relação às outras duas doutrinas, bem como ao fato de ter sabido absorver o que lhe interessava das outras escolas. Como afirma Zhang (1989, p. 85): "Se utilizou das vozes racionais e sensatas de imperadores ancestrais para explanar a necessidade à honestidade, à praticidade e ao respeito à hierarquia social". No versículo 21 do Livro *Shu'er* em *Analectos* de Confúcio é explicitado que: "o Mestre não falou sobre o sobrenatural, atos de violência, desordem e prodígios<sup>4</sup>", e preferiu dar ênfase à integridade moral e à virtude. Ao contrário das demais doutrinas, o confucionismo é centrado na realidade, tendo como objetivo primeiro a criação e a propagação de um código ritualístico rígido, visando a culturalização da sociedade, o que resulta numa hierarquia estratificada que codifica as relações sociais. A doutrina também preceitua a obediência filial (o respeito aos mais velhos pelos mais novos) como base para firmar o laço da lealdade por parte do subordinado ao governante, a qual ninguém pode se rebelar, e isolando ou afastando a mente do selvagem primitivo, da mitologia, das lendas e da ideação. (FAIRBANK; MERLE, 2006).

Contudo, na dinastia Han tardia (25-220), os conselheiros confucionistas, movidos pela ambição política, empenharam-se em construir uma mítica para o domínio governamental. Para tanto, o ponto de partida foi uma antiga ideia de que o príncipe exerce seu poder "sob o controle do Céu e do povo<sup>5</sup>". Dessa forma, o confucionismo adquiriu um novo contorno ao absorver e adaptar a visão cosmológica naturalista e a crença nos espíritos invisíveis da natureza, para legitimar o *status* cósmico do governante; com isso, galgou espaço de poder. Essa nova casta de intelectuais tornou-se conhecida como confucionismo cosmológico e obteve o apoio das escolas Daoístas, dos Números e do Yin-Yang. Com a desintegração e o colapso do poder central da dinastia Han tardia, houve um período de disputa pela

<sup>4</sup> [子不语怪，力，乱，神。]

<sup>5</sup> [天感应论]。

hegemonia até a ascensão da dinastia Jin (265-420) cuja predominância filosófica se tornou conhecida como neodaísmo, que explicaremos mais adiante, e que foi um período da profusão do gênero maravilhoso.

Tendo em conta a contextualização do gênero literário na história chinesa, sintetizei, de maneira breve, a estreita interrelação entre a filosofia, a história e a literatura. A seguir, discutirei o aspecto autoral do conto "Os três reis" para a tradução.

### Em busca da autoria

A busca pelos "verdadeiros originais" e a respectiva autoria na literatura clássica chinesa é uma tarefa complexa, pois há várias versões em diferentes períodos, conhecido como **literatura de centões**, cf. GRANET (1997, p. 48), que exige pesquisa cuidadosa. Para isso, o tradutor deve conhecer o chinês clássico e saber interpretar o texto e as glosas de diversos períodos, realizadas por diferentes escolas de pensamento. Isso faz com que o tradutor tenha que compreender teorias literárias, filosofia e história, bem como recorrer à consulta aos periódicos científicos das áreas citadas acima.

No caso do conto "Os três reis", utilizei como bibliografias de apoio básico a *Breve história da prosa ficcional chinesa* de Zhou (1973) e a introdução de *A procura dos deuses, Sou shen ji*, complementados pelos artigos de Li (2001), Zhao (2002), Huang (2009) e Cao (2009), que trazem novas evidências das pesquisas histórico-antropológicas em relação ao autor Gan Bao e a sua obra.

Num primeiro momento, julgava que a autoria de "Os três reis" seria de Gan Bao do século IV. Contudo, ao ler o seu original, fui surpreendida por não existir a introdução que é encontrada nas versões infantojuvenis chinesas conhecidas. Ao consultar Zhou (1973), descobri que há na literatura outras duas versões, sendo o início do conto da versão moderna encontrada no registro de *Anais de Wu e Yue, Wu Yue chungiu* de Zhao Ye do século I, que menciona a encomenda de espadas do rei de Wu ao casal forjador Gan Jiang e Mo Xie para o fortalecimento do reino. Foi possível utilizar este registro histórico para a tradução e adaptação do conto em português, vide o original na figura 1.

O escritor da fonte básica para a tradução foi Gan Bao (286? -336), natural de Xincal, província de Henan. Ele é considerado por muitos como o pai da narrativa ficcional chinesa. De origem humilde, foi funcionário-

erudito, exercendo, na maior parte do tempo, o cargo de historiador. Sob a ordem imperial, escreveu "Registros de Jin", *Jin ji*, de vinte volumes, o qual foi elogiado pelo imperador. Ainda glosou o "Livro das mutações", *Yi jing* ou *I-Ching*, entre outros clássicos antigos. A sua biografia nos *Anais de Jin*, *Jin shu* (FANG, 2004, p. 1834-1837), também registra que ele "era dedicado ao estudo do *Yin Yang* e dos números<sup>6</sup>". Ainda registra que:

Devido ao ciúme da mãe de Gan Bao, a criada favorita do seu pai foi empurrada para dentro da cova e enterrada viva junto ao morto. Esse fato só viria a ser descoberto pelos filhos, mais de dez anos depois, quando abriram o túmulo para enterrar a mãe no jazigo da família. Encontraram a criada dormindo sobre o féretro do pai. Ao levá-la para casa, ela acordou no dia seguinte e contou que conviveu amorosamente com o patrão. Soube contar tudo o que aconteceu na família até então. Mais tarde, ela se casou e teve um filho<sup>7</sup> (minha tradução).

Os *Anais de Jin* ainda registram outro fato extraordinário na vida do historiador:

O irmão de Gan Bao havia sido dado como morto, mas acordou dias depois, dizendo que havia mantido contato com os espíritos do além. Por esses motivos, Gan Bao passou a reunir narrativas estranhas e, assim, redigiu *A procura dos deuses*, *Soushen ji*, de trinta volumes<sup>8</sup> (minha tradução).

O folclorista Li (2001) acredita que a razão para a escritura da obra, ao contrário do afirmado em *Anais de Jin*, é o sentimento de dever do historiador. O **neodaoísmo**, vertente filosófica predominante dos séculos III e IV, propunha unir a contemplação individual da natureza, típica do daoísmo, à ética sociopolítica do confucionismo. A pesquisa historiográfica de Li (2001) revela a discussão profícua sobre a existência do sobrenatural e traz uma nova interpretação quanto à razão de Gan Bao

<sup>6</sup> [性好阴阳术数]. Relacionado às Doutrinas Divinatórias, dos Astrônomos e dos Cinco Elementos.

<sup>7</sup> [宝父先有所宠侍婢，母甚妒忌，及父亡，母乃生推婢于墓中。宝兄弟年小，不之审也。后十余年，母丧，开墓，而婢伏棺如生，载还，经日乃苏。言其父常取饮食与之，恩情如生，在家中吉凶辄语之，考校悉验，地中亦不觉为恶。既而嫁之，生子。]

<sup>8</sup> [又宝兄尝病气绝，积日不冷，后遂悟，云见天地间鬼神事，如梦觉，不自知死。宝以此遂撰集古今神祇灵异人物变化。名为《搜神记》，凡三十卷。]

escrever *À procura dos deuses, Sou shen ji*, a partir da análise de críticas ao *Tratado contra o sobrenatural, Wushen lun*, de Gan Bao, escrito num período anterior ao primeiro livro citado.

Segundo os comentários historiográficos, o *Tratado* revela um homem cético quanto à existência de algo além do plano físico humano. Logo, seria contraditório que Gan tivesse dado uma reviravolta radical, mesmo não sabendo como explicar o porquê do "ressuscitamento" da criada de seu pai e de seu irmão, fatos que ele presenciou. Li (2001) argumenta que na introdução de *À procura dos deuses, Sou shen ji*, o autor se justifica dizendo que durante o seu percurso como historiador, foi coletando lendas, narrativas fantásticas ou estranhas, as quais acreditou ser importante registrar, pois "os acontecimentos sobrenaturais não são falácias"<sup>9</sup> (GAN, 1994, p. 1). Ele complementa ainda que, apesar de não ter visto os fatos estranhos narrados, Sima Qian, historiador do século II a.C., também os havia registrado, mesmo não tendo comprovações. Para isso, Gan Bao argumentou que "se o historiador só registrasse o que pudesse ser comprovado, iria dificultar e muito o trabalho historiográfico. Entretanto, o governo não demitiu os oficiais historiadores e nem os literatos deixaram de estudar a História, por ter menos equívocos do que acertos"<sup>10</sup> (GAN, 1994, p. 1). Por fim, Gan Bao coloca-se na posição de historiador que não pode se furtar a registrar essas narrativas que correm pela boca do povo, ainda que ficassem para posterior comprovação dos fatos pelos interessados.

Os originais de *À Procura dos deuses, Sou shen ji*, foram perdidos. A versão contemporânea encontra-se reunida em *Registros de Taiping, Taiping Guangji* (978), de maneira dispersa, e em uma edição própria com 464 contos compilados durante a dinastia Ming (1368-1644) (CHEN e WU, 2006). A obra, mais do que uma mera coleção de registros colhidos de narrativas orais e compilações de acontecimentos estranhos e de assombrações da Antiguidade até a época de Gan Bao, revela o tratamento estilístico e artístico dado a essas "matérias-primas" (Huang, 2009). Um bom exemplo é o conto "Os três reis" cuja redação é baseada no registro histórico oficial de Zhao Ye, que relata a encomenda das espadas pelo rei de Wu e a respectiva forja. Na narrativa de Gan Bao, a encomenda é feita sob as ordens do rei de Chu, rival do reino de Wu, e o autor cria um destino para a família de forjadores que não está registrado nos anais da histó-

<sup>9</sup> [足以发明神道之不诬也。]

<sup>10</sup> [言无异图，然后为信者，固亦前史之所病。然而国家不废注记之官，学士不绝诵览之业，岂不以其所失者小，所存者大乎？]

ria. Huang (2009) conclui que, em certa medida, Gan Bao também foi um precursor do gênero **maravilhoso**, indo ao encontro do que Zhou (1973) já afirmava nos anos vinte do século XX.

### Relevância do conto na história da literatura chinesa

O recorte do debate quanto ao caráter da obra revela que essa tem sido de grande valia para a investigação na área da história, da literatura, da antropologia e até do jornalismo (ZHAO, 2002). O livro de Gan Bao, além do seu aspecto lúdico, fornece informações descritivas de cunho jornalístico, as quais relatam estranhos costumes e acontecimentos locais, com a enumeração circunstanciada de divindades, espíritos benignos e malignos, mitos, lendas, etc. Muitas vezes causa a impressão de serem fatos verídicos. Por isso, Gan Bao se tornou ímpar na narrativa ficcional chinesa e influenciou escritores posteriores do mesmo gênero como Pu Songling (1640-1715), autor de *Contos extraordinários do estúdio Liaozhai*, *Liaozhai zhiyi*, e das passagens maravilhosas dos cânones da literatura chinesa como o *Romance dos três reinos*, *San guo yanyi* (século XIV), *Todos são irmãos à beira do rio*, *Shuihu zhuan* (século XIV), *Peregrinação ao oeste*, *Xiyou ji* (século XVI), e o *Sonho do pavilhão vermelho*, *Hongloumeng* (1784). Contemporaneamente, o escritor modernista Lu Xun (1881-1936) adaptou alguns contos de Gan Bao, inclusive "Os três reis" para a sua crítica política em *Estórias recontadas*, *Gushi xinbian* (1935/1973).

O conto "Os três reis" narra a saga de Chi à procura da vingança da morte de seu pai Gan Jiang, célebre mestre forjador, pelo tirano rei de Chu, no período da Primavera e Outono (770-476 a.C.). Esta é uma história muito popular e é apresentada ao público infantojuvenil no ensino fundamental e médio da China. O conto atrai o jovem chinês por narrar a origem das lendárias espadas *Mo-Gan*, que estão presentes em mangás, em contos de espadachins e jogos eletrônicos, muito populares no Extremo Oriente. Por outro lado, o conto possui um caráter peculiar ao revelar a busca da justiça contra a tirania do regime monárquico, raro na literatura chinesa. Vem a demonstrar que apesar da hegemonia política monárquica e a obediência ao governante, esse preceito só tem validade se for seguido por todos, conforme o axioma humanista de Confúcio. Por isso, já estava incluída desde o início na seleção de *Contos sobrenaturais chineses* (2010).

Porém, esse conto foi excluído da publicação do livro, por ter sido considerado de "conteúdo impróprio para crianças" e "que poderia vir a

prejudicar a carreira do livro", tendo em conta que "vai vender menos nas livrarias e mais como adoções de escolas e governos.". Entretanto, o público infantil brasileiro já está habituado com contos de fadas que retratam também situações com algum conteúdo "impróprio", como *A Branca de Neve e os sete anões*, no qual a rainha-madrasta mata a princesa por vaidade e inveja. Ou, por que não citar, *Hamlet*, que à semelhança de Chi, busca a justiça para o seu pai assassinado pelo tio, usurpador do poder. A carreira desses livros está indo muito bem.

Essa experiência revela que as partes envolvidas são guiadas por interesses diferentes. Sob a perspectiva editorial, o conto tinha que ser excluído para não prejudicar as vendas, enquanto da perspectiva acadêmica, a presença do conto seria relevante para o aprofundamento do conhecimento brasileiro quanto à literatura chinesa. A solução do conflito de interesses entre editora e tradutor exige do último muita paciência e mediação. Muitas vezes o tradutor, como a parte mais frágil da cadeia de produção, tem que saber ceder para que não atrase a publicação do livro.

## Os três reis

Gan Bao

Conta-se que na China antiga, existiu um par de espadas, de nome *Mo-Gan*, capaz de cortar tanto o aço como papel e que mais tarde seria objeto de desejo de todos os reis para a unificação do reino. Quem e como forjou as espadas lendárias e o que o destino reservou a eles, é o que irá ser contado ao leitor.

Na fronteira entre os reinos de Wu e Chu, vivia o casal Gan Jiang e Mo Xie que se dedicava à arte da forja de espadas. Um dia o rei de Chu convocou Gan Jiang a sua presença para lhe encomendar duas espadas.

O monarca entregou-lhe um pedaço de ferro muito especial, gerado pela rainha, depois de ter se abraçado a um pilar de ferro para se refrescar. Após analisar a peça, Gan Jiang opinou que apesar da preciosidade do material, não era em quantidade suficiente para a produção de duas espadas. O rei de Chu então tirou de dentro da manga de sua cabaia dois



metais negros de tamanho um pouco maior do que favas, que tinham sido retirados das entranhas de criaturas estranhas que se alimentavam de metais, encontradas na guarnição de armas do reino de Wu. E, observou que, certamente, com esses metais raros, Gan Jiang daria conta de produzir espadas que cortariam o aço como papel e que não teria nenhuma espada mais afiada do que elas no mundo.

Gan Jiang ao chegar à casa, tratou imediatamente de erguer uma fornalha maior e construir um fole mais potente para que atingisse a temperatura adequada da fundição. Ainda coletou mais minérios para ser adicionado aos metais entregues pelo rei de Chu. Por fim, consultou o oráculo e acendeu o forno na hora em que o sol e a lua estavam juntos no céu. O casal ficou em vigília dia e noite ao lado da fornalha durante três meses, e, por mais que elevassem a temperatura do forno, não havia jeito dos minérios derreterem. Gan Jiang, surpreso, perguntou:

- O que está acontecendo?

Mo Xie pensou por uns instantes e respondeu:

- Lembro que o mestre disse uma vez que para acontecer as transformações das coisas sagradas, é necessário o sacrifício humano; assim, precisamos colocar parte de nós dentro da fornalha para que o metal se derreta.

Ao acabar de falar, já cortava um pedaço de seus cabelos e de suas unhas, jogando-os em direção às chamas, enquanto Gan Jiang rasgava a ponta do dedo, e pingou gotas de seu sangue no fogo. Imediatamente o metal se fundiu. Para manter o fogo da fornalha na temperatura adequada, o casal mobilizou trezentas crianças para manejar o fole e carregar o carvão.

Passaram-se três anos e o rei de Chu estava furioso porque não havia notícias das suas espadas ficarem prontas. Pensava até em condenar os dois forjadores à morte.

Mo Xie estava quase para dar à luz, quando o marido terminou de fazer as duas espadas. Uma *Yang*, de essência masculina, ele a batizou com o seu sobrenome *Gan* e a outra *Yin*, feminina, ele batizou com o sobrenome de sua mulher *Mo*. Depois falou pesaroso à mulher:

- Levei três anos para forjar a espada do rei de Chu, e ele deve estar furioso comigo porque demorei muito. Acho que não vou voltar dessa viagem à capital. Tenho certeza, ele vai me matar. Por isso, não vou lhe entregar a outra espada. Se você tiver um menino, diga a ele que vá em

direção sul da montanha e procure uma pedra debaixo de um frondoso pinheiro. Embaixo dessa pedra ele encontrará a espada.

Gan Jiang despediu-se e partiu com a espada para entregá-la ao rei de Chu. O monarca estava realmente muito indignado e mandou um especialista examinar a espada, que sentenciou:

- Foi forjada não uma espada, mas duas, e Gan Jiang trouxe apenas uma delas.

Ao ouvir a avaliação do especialista, o rei de Chu ficou ainda mais furioso e mandou executar Gan Jiang por causa da sua audácia.

\* \* \* \*

Mo Xie deu à luz um menino, que recebeu o nome de Chi. Quando ele cresceu, perguntou à mãe sobre o paradeiro de seu pai. Mo Xie então respondeu:

- O seu pai era um exímio forjador de espadas e recebeu uma encomenda do rei de Chu. Levou três anos para concluir a tarefa e, ao entregá-la, foi morto pelo monarca. Antes de sair de casa, porém, pediu para eu lhe dizer, quando crescesse, que fosse à direção da montanha sul e procurasse por uma pedra debaixo de um frondoso pinheiro, onde ele escondeu uma espada para você.

Ouvindo isso, o filho partiu imediatamente na direção sul, mas não avistou nenhuma montanha. No entanto, percebeu as raízes de um pinheiro em volta de uma pedra. Decidiu cortar a árvore e encontrou a espada. Chi pensava dia e noite em como poderia matar o rei de Chu para vingar a morte do pai.

Uma noite, o rei de Chu sonhou com um rapaz com sobrancelhas muito afastadas que lhe prometia vingança. O rei de Chu lançou um édito com um retrato falado do menino, prometendo recompensar com mil moedas de ouro quem o localizasse. Chi, ao saber da ordem de sua captura, fugiu para o alto da montanha. Enquanto caminhava, lamentava seu destino. Um cavaleiro, ao encontrá-lo, perguntou:

- Por que um rapaz tão jovem chora tão triste assim?

- Eu sou o filho de Gan Jiang e Mo Xie. O rei de Chu matou o meu pai, e eu quero me vingar! - respondeu Chi, choroso.

O cavaleiro, depois de ouvi-lo, comentou:

- Ouvi dizer que o rei de Chu ofereceu uma recompensa de mil moedas pela sua cabeça. Me dê a sua cabeça e a espada, que eu vingarei a morte de seu pai.

Emocionado, o rapaz disse:

- Ótimo.

E logo cortou a cabeça e entregou-a junto com a espada. O corpo do rapaz ficou rígido diante do cavaleiro, que disse:

- Prometo não decepcionar você.

Só nesse momento o corpo de Chi desabou no chão.

O cavaleiro foi ao encontro do rei de Chu munido da cabeça e da espada. O monarca ficou muito contente e aliviado. O cavaleiro advertiu o rei:

- Essa é a cabeça de um rapaz corajoso. É preciso cozinhá-la para que ele morra realmente.

O rei de Chu seguiu aquela instrução. A cabeça do rapaz ficou cozinhando em água quente por três dias e três noites e nada de desmanchar. Nela, os olhos arregalados de Chi olhavam com ódio o rei de Chu.

O cavaleiro comentou:

- Não vejo jeito de cozinhar a cabeça desse rapaz. Quem sabe vossa majestade chega perto da fervura? Talvez assim ela se desmanche.

O rei de Chu aproximou-se do tacho onde estava sendo cozida a cabeça, e o cavaleiro, com a espada, decapitou o monarca. A cabeça do rei caiu dentro do tacho e foi atacada pela cabeça de Chi. Contudo, o rei de Chu era bom de luta, e Chi não conseguia vencê-lo sozinho. O cavaleiro então ergueu a espada e cortou a própria cabeça, que caiu dentro do tacho e ajudou a cabeça de Chi na luta contra a cabeça do rei de Chu.

Algum tempo depois, as três cabeças desmancharam-se, e era impossível saber de quem era cada uma. Para solucionar o problema, o cerimonial do palácio dividiu o caldo em três partes iguais, que foram levadas a três túmulos. O lugar chama-se Tumba dos Três Reis, e fica no distrito de Yichun, em Runan, província de Henan.

## 《吴越春秋 阖闾元年》 赵晔



[Figura 1. "Notas do ano I do reinado de Helü do reino de Wu", in ZHAO, Ye. *Wu Yue chunqiu*, Beijing: Zhonghua, 1985, fac-simile 42-43]

## 《干将莫邪》 干宝

楚干将莫邪为楚王作剑，三年乃成，王怒，欲杀之。刘有雌雄，其妻重身，当产，夫语妻曰：“吾为王作剑，三年乃成；王怒，往，必杀我。汝若生子，是男，大，告之曰：‘出户，望南山，松生石上，剑在其背。’”于是即将雌剑往见楚王。王大怒，使相之，剑有二一雄，一雌，雌来，雄不来。王怒，即杀之。

莫邪子名赤，比后壮，乃问其母曰：“吾父所在？”母曰：“汝父为楚王作剑，三年乃成，王怒，杀之。去时嘱我：‘语汝子：出户，往南山，松生石上，剑在其背。’”于是子出户，南望，不见有山，但睹堂前松柱下石砥之上，即以斧破其背，得剑。日夜思欲报楚王。

王梦见一儿，眉间广尺，言欲报讎。王即购之千金。儿闻之，亡去，入山，行歌。客有逢者。谓：“子年少。何哭之甚悲耶？”曰：“吾干将莫邪子也。楚王杀吾父，吾欲报之。”客曰：“闻王购子头千金，将子头与剑来，为子报之。”儿曰：“幸甚。”即自刎，两手捧头及剑奉之，立僵。客曰：“不负子也。”于是尸乃仆。

客持头往见楚王，王大喜。客曰：“此乃勇士头也。当于汤镬煮之。”王如其言。煮头三日，三夕，不烂。头踰出汤中，踰目大怒。客曰：“此儿头不烂，愿王自往临视之，是必烂也。”王即临之。客以剑拟王，王头随堕汤中；客亦自拟己头，头复堕汤中。三首俱烂，不可识别。乃分其汤肉葬之。故通名三王墓。今在汝南北宜春县界。

## Referências

- CAO, Meina. "Wuyue Chunqiu" zuozhe Zhao Ye shengping jieshuo kaozheng. [Compravações e interpretações da biografia de Zhao Ye, autor de *Wu Yue chungiu*]. In: *Journal of Chongqing Institute of Technology (Social Science)*. Vol. 23, No. 9, 2009. pp. 127-130.
- CAPPARELLI, Sérgio; SCHMALTZ, Márcia. *50 Fábulas da China Fabulosa*. Porto Alegre: L&PM, 2007.
- CHEN, Zhinan; WU, Yushi (eds.). *Zhongguo wenxue mingzhu daodu* [Guia de leitura dos clássicos da literatura chinesa]. Wuhan: Changjiang, 2006.
- FAIRBANK, John K.; GOLDMAN, Merle. *China: uma nova história*, tradução de Marisa Motta. Porto Alegre: L&PM, 2006.
- FANG, Xuanling (578-648) (ed.). *Gan Bao zhuan* [Biografia de Gan Bao]. In: *Jin shu* [Anais de Jin]. Beijing: Zhonghua, 1974.
- GAN, Bao (286?-336). *Soushenji* [*À procura dos deuses*]. Glosa e tradução de Zhang Su, Chen Tijin e Zhang Jue. Shanghai: Xuelin, 1994.
- GRANET, Marcel. *O pensamento chinês*, tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- Han shu* [Anais de Han]. Disponível em: <http://ctext.org/han-shu/yi-wen-zhi/zhs>. Consulta realizada em 5 de julho de 2008.
- HUANG, Jianhua. "Gan Bao *Soushen ji* de jiazhi he yiyi" [O valor e o significado de *À procura dos deuses* de Gan Bao]. In: *Journal of literature and history*, No. 4, 2009. pp. 25-27.
- LI, Jianguo. "Gan Bao kao" [Comprovações historiográficas sobre Gan Bao]. In: *Wenxue Yichan* [Herança Literária], Vol. 2, 2001. Disponível em: <http://www.chinesefolklore.org.cn/web/index.php?Page=1&NewsID=5589>. Consulta realizada em 29 de agosto de 2010.
- Lunyu* [Analectos de Confúcio]. Disponível em: <http://ctext.org/analects/zi-lu/zhs>. Consulta realizada em 05 de julho de 2008.
- SCHMALTZ, Márcia; CAPPARELLI, Sérgio. *Contos Sobrenaturais Chineses*. Porto Alegre: L&PM, 2010.
- SCHMALTZ, Márcia. "A Literatura infantil chinesa da poesia à prosa: uma história sem espaço à criança". *Tigre Albino* 2(1). XX, 2008. Disponível em: <http://www.tigrealbino.com.br/texto.php?idtitulo=1eb7c72bdf826fe4700f977b9658e5ef&&idvolume=8019c0e24c8199c19b45b5b7170ec4e9>

ZHAO, Ye (dinastia Han tardia) (ed.) Helü Neizhuan [Notações do reinado Helü de Wu]. In: *Wu Yue chungiu* [Notas dos reinos de Wu e de Yue]. Beijing: Zhonghua, 1985. pp. 42-43.

ZHAO, Zhengxiang. "Lun Gan Bao *Soushen ji* de shehui xinwen xingzhi" [O caráter jornalístico de *A procura dos Deuses* de Gan Bao]. Xiamen: *Xiamen Daxue Xuebao* [Jornal da Universidade de Xiamen], No. 4, 2002. pp. 124-129.

ZHOU, Shuren (Lu Xun). *Zhongguo Xiaoshuo Shilüe* [Breve história da prosa ficcional chinesa]. In *Lu Xun quanji* [Obra completa de Lu Xun], Vol. 9. Beijing: Renmin, 1973.

\_\_\_\_\_. "Zhou jian" [A encomenda]. In *Lu Xun quanji* [Obra completa de Lu Xun], Vol. 2. Beijing: Renmin, 1973. pp. 533-560.

ZHUANG, Zhou (369-286 a.C.). *Zhuangzi*. Glosa de Yi Li. Xi'an: Sanqin, 2008.